

PRECAUÇÕES HIGIÊNICAS QUE SE DEVEM TER DURANTE A EPIDEMIA: DAS RUAS ÀS HABITAÇÕES

Mayara de Almeida Lemos*

A epidemia abordada neste texto foi causada pelo cólera, atualmente sabe-se que a mesma é adquirida através do consumo de água contaminada por fezes ou vômitos contendo o *vibrio colerae*, a doença também pode ser transmitida pela contaminação de alimentos e objetos. A relação da água com o cólera foi observada pela primeira vez pelo médico inglês John Snow, entretanto, foi Robert Koch o primeiro a isolar o agente etiológico do cólera e, desta forma, tornar claro os meios eficazes para combater a doença, o que veio a ocorrer na década de 1880.

Conforme Lewinson (2003: 95-111) ao produzir as enterotoxinas (toxinas produzidas no trato intestinal), a doença apresenta como principais sintomas diarreias, vômitos e câimbras, que se manifestam de forma violenta, agredindo e enfraquecendo o organismo rapidamente, devido à desidratação ocasionada com a perda de líquidos contendo eletrólitos essenciais para o seu funcionamento correto. Considerando que estes conhecimentos apareceram em um período posterior ao surto analisado neste estudo, foi utilizado como base para compreensão do cólera o Dicionário do Dr. Chernoviz, que circulava no Brasil na segunda metade do século XIX.

Citada nas fontes analisadas, algumas vezes em sua denominação em latim, *cholera-morbus*, a palavra “cólera” tem significados diversos, pois além de designar a doença, é também símbolo de sentimentos como raiva, ira, fúria. Conforme Sóstenes Pereira (2007: 159), essa relação se devia à teoria humoral, segundo a qual o excesso de bile no organismo fazia que surgisse o mau-humor, portanto o estado de ânimo também se confundia com a saúde física.

De acordo com as formas pelas quais o cólera era representado e compreendido, eram elaboradas as medidas preventivas e o tratamento. Os editores d’*O Cearense*, diante da ameaça do cólera ao Ceará, “não podendo fazer mais do que aconselhar”, deram início, no dia 26 de junho de 1855, às publicações, consideradas “um serviço ao povo, transcrevendo no folhetim deste jornal alguns remédios, e medidas hygienicas aconselhadas por distintos médicos”¹.

* Mestre em História pela Universidade Estadual do Ceará.

¹ *O Cearense*, 26.06.1855. Anno IX, n. 842. A epidemia do Pará, p. 02. (Editorial)

No Ceará, as ideias médicas sobre a doença tiveram como principal veículo, para o debate e esclarecimento da população, os jornais, posto que ali os médicos usufruíam de espaço para divulgar os tratamentos que diziam, e acreditavam serem os mais eficazes, objetivando legitimar a medicina enquanto detentora de conhecimento de caráter científico racional capaz de combater a doença. A própria atuação individual de cada médico/autor, como indivíduo investigador, hábil e inteligente, contribuía para a busca pela definição da doença que desrespeitava as barreiras econômicas e sociais.

Durante o ano de 1855, o jornal *O Cearense* publicou 22 recomendações e, em 1856, mais oito, algumas escritas pelos médicos cearenses, Liberato de Castro Carreira e José Lourenço de Castro e Silva, e outras provenientes de jornais de outras províncias - Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro, Pará, Alagoas - contendo ainda textos veiculados em Portugal e Paris, que foram reproduzidos em periódicos brasileiros. Tais recomendações eram publicadas na primeira e segunda páginas do jornal, nas duas colunas inferiores, para que pudessem ser recortadas e agrupadas posteriormente, formando um livreto.

As Recomendações consistiram no agrupamento de uma série de conselhos publicados originalmente em periódicos de outras províncias, como resultado das experiências realizadas à medida que se buscava debelar a doença. Mesmo sendo provenientes de relatos das experiências médicas, principalmente da Europa, apresentavam diferentes nuances conforme o contexto onde eram utilizadas, adotando facetas da medicina popular brasileira, bem como itens da flora nativa de cada região.

A função da publicação dos conselhos médicos nos jornais não era a de substituir os médicos, pelo contrário, era uma forma da medicina se impor diante da sociedade como detentora de conhecimentos científicos, supostamente capazes de debelar a epidemia de cólera. Postulava-se que os tratamentos indicados deveriam ser seguidos enquanto não fosse possível a consulta com o médico.

Estes textos apresentavam noções de higiene que deveriam ser postas em prática como medidas profiláticas, descrição das fases da doença - através da enumeração de sinais e sintomas - e ainda listas de remédios, que deveriam ser aplicados de acordo com o estágio da doença em cada pessoa.

Sandra Jatahy Pesavento (2008:39), ao abordar o conceito de representação desenvolvido por Chartier, afirma que “são matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real”. Assim, considerando que tais representações são frutos do contexto e dos grupos que as

forjaram, produtos sociais e culturais, é possível utilizá-las como instrumentos para perceber os modos como os que as conceberam percebiam o fenômeno epidêmico e pretendiam que esta realidade fosse “construída, pensada, dada a ler”.

As discussões médicas sobre as causas do cólera, em sua maioria, defendiam o infeccionismo, aliado a teoria miasmática, segundo a qual as doenças seriam transmitidas por ares poluídos, evaporados de matérias orgânicas em decomposição e águas estagnadas.

Portanto, para evitar a propagação da epidemia, as recomendações eram voltadas à questão da higiene - dos espaços públicos, das habitações, roupas; dietas - alimentação adequada, moderada, e hábitos - evitar excessos de qualquer ordem. É importante salientar ainda a influência da Medicina Social Francesa na formação acadêmica brasileira, pois pregava a intervenção nos espaços urbanos como forma de combater os miasmas, e, portanto, mais adepta da infecção como causa das epidemias.

“Preceitos higienicos” eram considerados fundamentais, tanto como forma de prevenir a doença, quanto durante o tratamento e convalescença dos acometidos. Sob a categoria de higiene enquadravam-se a higiene física e moral, na qual tinham espaço ainda os sentimentos.

Já que os miasmas venenosos reinavam nas ruas, movidos pelos ventos, fazia-se necessário dispersá-los, movimentar o ar estagnado e concentrado pelos vapores nocivos. Para tanto, alguns acreditavam que acender fogueiras afastaria a doença. Esta prática foi utilizada na Europa durante os surtos de cólera e os relatos de seus sucessos foram veiculados n’*O Cearense*, em 1855, com o título *Mais um tiro contra o cholera/ As fogueiras e o cólera*, onde são enumerados casos em que a queima de pinho e palha, proposital e acidental, resultaram no desaparecimento do “mal com a admiração de todos ²”.

Em 1862, o relato acerca da utilização das fogueiras na Europa foi novamente reproduzido, n’*O Cearense*, a partir do Jornal da Bahia, onde o autor justificava ainda a eficácia das fogueiras, para a purificação do ar, pela diminuição de doenças no período entre os meses de junho e julho, quando em virtude das festividades de São João e São Pedro havia o costume de acendê-las ³.

Na opinião do Dr. José da Silva Maya, as fogueiras eram ineficazes:

² *O Cearense*, 28.08.1855. Anno IX, n. 860. Ainda notícias do Vapor, p. 04. (Editorial)

³ *O Cearense*, 06.05.1862. Anno XVI, n. 1523. As fogueiras e o cholera, p. 04. (Transcrições)

Algumas pessoas do povo supõem que purificação o ar e destroem os miasmas pestíferos, fazendo fogueiras, queimando alcatrão, pólvora, alfazema, alecrim e outros ingredientes aromáticos; enganão-se; essas fumaças só servem para incomodar e encobrir os miasmas que não podem destruir nem sequer modificar, menos com tudo o vapor da pólvora, que contém ácido sulfúrico e nitroso, porém que, apesar d'isso, é bem fraco purificador ⁴.

Sampaio (s.d.: 69), afirma que no Crato/CE⁵ “queimava-se esterco de gado por acreditar-se que a fumaça afugentava o sinistro morbo”. Conforme Teófilo (1979: 244) em Maranguape, o vigário Padre Galindo “acendia fogos nas ruas para desinfetar a atmosfera”.

Além de fogueiras para movimentar o ar, também se recomendava fumigações, com substâncias como vinagre, a serem feitas no interior das casas, em viajantes recém-chegados, e ainda em objetos.

Nas recomendações publicadas n'*O Cearense*, de autoria do Dr. José da Silva Maya, o cloro era indicado tanto para desinfetar as casas, diluído em água, quanto para fumigações, em seu estado gasoso, porém adverte o médico que em virtude desta substância causar tosse, em algumas pessoas, poderiam substituí-lo por uma solução contendo ácido sulfúrico.

A medida que se vai lançando o ácido sobre a mistura, desenvolve-se imediatamente grande quantidade de um gaz esverdeado e suffocante, porém não venenoso, que é o chloro, e que convem arredar um pouco de si na ocasião de lançar o ácido sulfúrico e de percorrer a casa com o defumador ⁶.

Porém, nem todos os médicos eram de comum acordo sobre a conveniência e a eficácia do uso do cloro. No “Tratamento homeopático do cholera epidêmico”, reproduzido do Jornal da Bahia, afirmava-se que o cloro, assim como os vinagres aromáticos, além de não surtirem os efeitos desejados, ainda poderiam ser prejudiciais à saúde⁷. Logo, é possível perceber que as recomendações publicadas n'*O Cearense* agruparam textos escritos por diferentes médicos, vinculados a locais e contextos diversos, de formação e prática diferenciadas e isto se refletia nas informações, muitas vezes contraditórias, sobre as formas eficazes de combater a epidemia.

As habitações também eram alvo de preocupação por parte dos médicos, que recomendavam, além da limpeza, a ventilação, para que o ar circulasse no interior

⁴ Remédios e medidas preventivas contra o cholera. Fortaleza: Typ. de Paiva e Companhia, 1855. p. 51.

⁵ Município cearense localizado na região sul do Estado.

⁶ Remédios e medidas preventivas contra o cholera. Fortaleza: Typ. de Paiva e Companhia, 1855. p. 51.

⁷ Ibid. p. 78.

das mesmas. A medicina adentrava o espaço dos lares, pregando que as casas precisavam ser limpas, asseadas, de paredes caiadas, com portas e janelas abertas durante o dia “para que possam entrar por ellas o ar secco e a luz do sol”, especialmente nos quartos de dormir, onde se aconselhava dormir poucas pessoas ⁸.

Os quintais constituíam-se em espaços tão ou mais perigosos que o interior das casas, pois geralmente recebiam os despejos das águas servidas, bem como eram utilizados para a criação de animais. Nesse sentido não seriam consentidos quintais com “cisco, lama, esterqueiras, águas estagnadas, animaes mortos nem mesmo vivos em numero tal que possam pelos seus excrementos viciar a atmospha ⁹”.

Conforme Filgueira Sampaio (s.d.: 68), antes do cólera atingir o município cearense do Crato, foram feitas “correições” nos quintais das residências “para obrigar os donos a limpá-los”, além da prática de matar os porcos, que eram criados em chiqueiros situados nos quintais.

Segundo Alencar e Araripe (2011: 276) Esta imposição teve consequências econômicas desastrosas para um habitante de Quixeramobim, Pedro Jaime de Alencar Araripe, que tinha empregado seus poucos recursos na criação de suínos e teve que sacrificá-los e enterrá-los em vala profunda.

Como tal medida influenciava diretamente na economia das famílias, não é difícil imaginar a resistência empreendida pela população, mesmo diante de uma ameaça tão perigosa quanto o cólera. Jucieldo Alexandre (2010: 139) ao analisar o caso do Crato, em uma nota publicada no jornal *O Araripe*, afirma o seguinte:

Subtende-se que alguns criadores, provavelmente pobres da cidade, não aceitaram com passividade o sacrifício imposto aos seus animais, já que a nota faz referência a tentativas de fuga, em que os porcos foram camuflados entre outras cargas, e à tática de escondê-los em *escuros quartos* para fugir da *sanha* dos algozes.

Assim, percebemos outras faces de uma epidemia sobre a vida cotidiana em uma cidade, antes mesmo de sua ocorrência. Os porcos, associados ao ambiente sujo em que viviam e aos alimentos que consumiam, foram proibidos, inclusive na alimentação, conforme é possível perceber na análise das dietas recomendadas n’*O Cearense*.

Outro ponto de preocupação para a salubridade urbana era o destino dado aos corpos dos mortos pela epidemia. Os cuidados com os cadáveres dos coléricos consistiam, basicamente, em promover o sepultamento o mais rápido possível. Sobre as

⁸ Ibid. p. 48.

⁹ Id.

sepulturas deveriam colocar cal, para evitar que os miasmas do corpo em decomposição atingissem a superfície e conduzissem a doença, através dos ventos. As sepulturas realizadas em covas rasas, abertas durante períodos chuvosos, eram apontadas como causas de novos surtos, em várias localidades do Brasil.

Tal preocupação demandou atenção ainda do Presidente do Ceará, Figueiredo Junior. A forte intensidade de casos de cólera em Maranguape era atribuída às más condições de realização dos sepultamentos:

“Esta terrível moléstia parece querer ficar entre nós endêmica; é preciso pois combater-la rigorosamente para destruí-la. A infeliz Villa de Maranguape tão horripelantemente assolada continua, e parece que continuará a ser o foco do mal, em quanto se deram allí as condições anormaes em que se acha. Desde principio que se clamou contra os enterramentos, que foram feitos na Villa em um péssimo lugar, onde em vallas não profundas acumularam muitos cadáveres. Algumas camadas de terra mal postas depois por cima foram levadas pelas chuvas. As águas desnudaram os atterros, abriram as sepulturas, e o cemitério onde se acham acumulados 1500 cadaveres, exhala terrível fedentina. Não é só na Villa, por todos os pequenos povoados, e quarteirões de fora, se enterraram à flor da terra, e romperam em fendas. São por tantos outros tantos focos de miasmas cholericos em actividade para derramarem a epidemia no lugar, e exportarem por toda parte. (...) É preciso que o governo tome na mais séria attenção este estado quase endêmico do cholera n’aquella freguesia, e dê providências sobre os cemitérios, a fim de que os mortos não estejam elaborando o veneno para os vivos”¹⁰.

Além dos animais que poderiam abrir fendas nas sepulturas, permitindo a circulação dos miasmas, estas também estariam em perigo diante de períodos chuvosos. Todavia, a responsabilidade pela abertura das sepulturas na época de chuvas era atribuída às formas pelas quais os sepultamentos eram realizados, em covas rasas.

Para o Dr. José da Silva Maya, já mencionado, o caixão deveria ser hermeticamente fechado, com pregos nas laterais. E quanto aos pertences do morto: “mandarão queimar os colchões e toda a roupa, lavar a mobília e o assoalho da casa com água e sabão”. O quarto onde o mesmo permaneceu deveria ter as paredes caiadas e depois borrifadas com água de cloro¹¹.

A profilaxia contra o cólera compreendia ainda mudanças nos hábitos e formas de comportamento da população. Neste ponto, percebemos que, além da higiene do corpo, propunha-se também, nas Recomendações, mudanças de hábitos considerados perniciosos, que possivelmente tornariam as pessoas propensas a adquirir doenças. A doença seria, então, consequência dos desregramentos, encarada sob uma perspectiva de

¹⁰ *O Cearense*, 20.02.1863. Anno XVII, n. 1564. O cholera, p. 01. (Editorial)

¹¹ Remédios e medidas preventivas contra o cholera. Fortaleza: Typ. de Paiva e Companhia, 1855. p. 51.

castigo, próxima da concepção religiosa, porém revestida de cientificidade, com base na teoria humoral, segundo a qual o equilíbrio e a moderação eram fundamentais. Vejamos.

Cada um deveria cuidar de si e “andar sempre limpo, tomar frequentes banhos geraes, e parciaes, e vestir roupa lavada o mais amiúde possível”. Para manter o equilíbrio da temperatura corporal “evitar o grande calor do sol, o resfriamento do corpo em ar livre, estando suado ou depois de qualquer exercício, assim como a humidade da noite”. A noite era duplamente perigosa, além do resfriamento corporal, acreditava-se que durante o período noturno “se achão condensados e accumulados os miasmas pestíferos que o calor do dia tem volatisado e espalhado pela atmosfera, é por isso que o cholera acomette mais de noite que de dia”¹².

O ventre e os pés eram as regiões que se aconselhava manter sempre agasalhadas, através do uso de flanelas, meias de lã e cintas ao redor do ventre, para evitar o “arrefecimento do corpo”, entendido como “uma das causas mais capazes de provocar o desenvolvimento do cholera”¹³. Acreditavam, os estudiosos, que os poros, assim como as vias respiratórias, eram locais por onde os miasmas adentravam no organismo, daí a importância de manter o corpo coberto, principalmente durante a noite.

Na tentativa de diminuir o surto da moléstia, as autoridades competentes acreditavam que, ficando isoladas em suas casas, as pessoas estariam mais seguras, pois “sahindo a rua o menos que poderem”, evitando aglomerações, e “as grandes reuniões de povo”, inclusive nas igrejas, melhor poderiam se proteger. Observemos:

Devem retirar os meninos das escolas, dos collegios e deixar de frequentar os bailes, theatros e de hir as grandes reuniões que se costumão fazer ou dentro das igrejas para implorar a misericórdia divina, ou nas ruas para procissões de penitencia. É nestas grandes reuniões que cada individuo, cada enfermeira vai ali levar, para a infecção geral, o seu contingente de miasma, o qual torna-se então tanto mais activo quanto a sua somma é grande, quanto o ar que se respira é maléfico, viciado como está por tanta gente, quanto todos que estão além de alterados, suadissimos, quentes e com os poros abertos¹⁴.

Além de delimitar como as pessoas e suas casas deveriam estar no quesito limpeza, os médicos aconselhavam ainda sobre os fatores morais, sentimentais e hábitos cotidianos. “As ocasiões de cholera e acessos de raivas e quaisquer outras afecções morais tristes, as vigílias prolongadas, as fadigas e todos os excessos em quaesquer

¹² Ibid. p. 47.

¹³ Ibid. p. 103.

¹⁴ Ibid. p.49.

actos da vida ¹⁵” eram prejudiciais porque poderiam causar o desequilíbrio humoral, deixando o corpo mais vulnerável, propenso aos ataques miasmáticos, assim “he mui importante ter uma vida extremamente regular” ¹⁶. Com isto, observa-se a relação atribuída ao equilíbrio, tanto interno como externo, a interação do homem com a natureza ao redor.

O ato sexual também deveria ser realizado com moderação, sem excessos. No poema francês traduzido pelo Dr. Luiz Vicente de Simoni (1832: 12-13) é feita alusão ao castigo do cólera a quem se entregava aos prazeres da carne:

O monstro se aclimata em mui contrários ares.
Dos aromas suaves nascido nos lugares,
Gosta de recrear-se com jogos horrorosos
Junto de infectos lagos, e pântanos lodosos.
Mas oh! Como elle mostra, o infernal pensamento
Que impelle o seu furor dos homens ao tormento,
Quando pune co’ a morte no instante do delicto
Quem se intrega na cama a hum prazer interdito!
O cholera ciumento, passando como hum fogo,
De verde a fresca cara alli lhe tinge logo:
Queima-lhe os intestinos, torna os pés nus gelados,
Spectros feros offerece aos olhos apagados,
Suspende das beijocas a nocturna harmonia,
E de amor muda os gritos em sirro de agonia.

Aqui são apresentadas várias questões acerca da doença: a ocorrência nos mais diversos climas, a relação com locais insalubres, a doença enquanto castigo punitivo para os desregramentos humanos e os ataques rápidos através dos quais poderia matar em poucas horas. Tal concepção vinculava-se por sua vez, tanto aos aspectos moralizadores quanto aos religiosos, segundo os quais a doença era um castigo divino.

O Dr. Joaquim Silvério Gomes dos Reis Junior (1864: 07), em sua tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, utilizava um exemplo para ilustrar a relação dos “excessos venéreos” com o cólera:

Excessos venereos: Tem-se assignalado os excessos de coito como predispondo ao cholera; concebe-se que estes excessos, enfraquecendo a economia, devem forçosamente tirar uma certa porção desta força de resistência que cada individuo oppõe à influencia epidêmica; porém da proscricção do abuso não deve-se inferir a do uso. Mr. Millet refere que vio, na ambulância de Grammont, uma mulher de 20 annos, forte e bem constituída que, passando uma noite em completa orgia com alguns

¹⁵ Ibid. p. 47.

¹⁶ Ibid. p. 04.

mancebos, foi affectada de um violento ataque de holera e no dia seguinte, à 1 hora da madrugada, Ella tinha cessado de viver.

Essas ideias sobre o comportamento das pessoas, especialmente dos pobres, a quem eram associados os vícios morais, buscavam pregar a moderação, a temperança, e esclarecer que “a vida deveria ser regrada”, que excessos de alimentação, bebidas, trabalho físico e mental, e ainda os “abusos de prazeres”, eram condenados. Nem mais, nem menos; os jejuns também eram recriminados, pois o corpo se enfraqueceria principalmente se estivesse no período invernososo, quando a umidade favorecia o desequilíbrio corporal¹⁷.

O tratamento dos pobres ficava sob a responsabilidade do governo e da caridade, porém, os escravos, como bens particulares, deveriam ser atendidos pelos recursos de seus respectivos donos. As medidas preventivas citadas anteriormente apontam intervenções sobre as habitações familiares e ambientes urbanos, em menor número e esporadicamente. Em meio àquelas, encontram-se recomendações sobre como os escravos poderiam se precaver diante da epidemia, no entanto, fica claro que aqueles não são considerados sujeitos capazes de se defender por si mesmos.

Assim, as recomendações eram feitas àqueles que possuíssem escravos, até porque os mesmos não eram tidos como leitores de jornal. Os senhorios eram os responsáveis por “inspecionar frequentes vezes o estado de asseio, e limpeza” de seus cativos. É discutível se essa medida foi efetuada, especialmente se considerarmos as condições de moradias dos negros que viviam em senzalas, sob exaustivos regimes de trabalho, enquanto recomendava-se aos brancos evitar os excessos, até de fadiga mental.

A fim de evitar que os escravos fossem trabalhar em jejum, tendo em vista que esta prática era considerada como enfraquecedora do organismo, o Dr. Joaquim d’Aquino Fonseca¹⁸, aconselhava aos “proprietários de engenhos e estabelecimentos ruraes” que distribuíssem, antes que os escravos saíssem para o trabalho, “chicaras de café com leite ou um piqueno calix de genebra ou aguardente de canna”¹⁹.

¹⁷ Ibid. p. 64.

¹⁸ Joaquim de Aquino Fonseca foi um higienista e estudioso da medicina e cirurgia pernambucanas, tendo publicado diversos trabalhos científicos em periódicos médicos; entre 1845 e 1856 presidiu o Conselho de Salubridade Pública, que se tornou depois (1853) Comissão de Higiene Pública da Província de Pernambuco. Cf. Sociedade de Medicina de Pernambuco. Disponível em: <<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>>. Acesso em: 15 nov. 2011.

¹⁹ Remédios e medidas preventivas contra o cholera. Fortaleza: Typ. de Paiva e Companhia, 1856. p. 07.

Os sentimentos de medo, tristeza, bem como a “ansiedade de espírito ²⁰”, ocasionariam também o desequilíbrio humoral e, assim, o corpo estaria propenso a ser atingido pelas moléstias. Tornava-se imperativo que “com animo e sangue frio deve cada um prosseguir em suas ocupações ordinárias ²¹”.

Já aconselhava o Dr. Chernoviz (1890: 583), em seu Dicionário, que uma das formas de se precaver contra o cólera era “não se deixar dominar pelos pezares e tristeza; subtrahir-se as emoções Moraes vivas; vencer enfim o susto que inspira a epidemia”.

Rodolfo Teófilo (1979: 236), na novela *Violação*, que tem como cenário a cidade de Maranguape, durante o surto epidêmico ocorrido no Ceará, afirmava que o pânico teria tomado conta de todos, propagado inclusive pela imprevidência do poder público, que não hesitava em publicar as notícias sobre o caminhar do cólera no Ceará, denunciando que “os poderes públicos, não compreendendo a influência perniciosa de semelhantes novas, as divulgavam abatendo assim mais o ânimo dos que iam gozando as imunidades do contágio”. Para ele, a postura do poder público, bem como da imprensa, não deveria estar voltada para a divulgação das notícias acerca do cólera, pois isto deixaria o povo em desespero.

Assim, é possível observar que os médicos tiveram espaço na imprensa para opinar, não somente sobre as formas de tratamento, as quais muitas vezes eram consideradas ineficazes se iniciadas após a instalação da doença; mas também sobre como evitar a desagradável visita do cólera aos lares cearenses, para tanto, a população deveria seguir preceitos higiênicos nas habitações, vestimentas, utensílios e ainda com o próprio corpo, também visto como objeto de discursos de ordem moral.

Bibliografia

ALENCAR, Maria Helena; ARARIPE, Guarani Valença. **Brados retumbantes de uma vida** – Trajetória de Pedro Jaime o primogênito de Tristão Gonçalves de Alencar Araripe. Fortaleza: UECE, 2011.

²⁰ Remédios e medidas preventivas contra o cholera. Fortaleza: Typ. de Paiva e Companhia, 1855. p.71.

²¹ Ibid. p. 78.

ALEXANDRE, Jucieldo Ferreira. **Quando o “anjo do extermínio” se aproxima de nós:** Representações sobre o cólera no semanário cratense *O Araripe* (1855-1864). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba, 2010.

BARTHELEMI, M. **O cholera-morbus:** pequeno poema de M. Barthelemi, traduzido e dedicado à Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro pelo Dr. Luiz Vicente De-Simoni. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de E. Seignot-Plancher, 1832. Disponível em: <<http://collections.nlm.nih.gov>>.

CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular** e das Sciencias Acessorias para uso das famílias... . 6ª ed. Pariz: A. Roger & F. Chernoviz, 1890. vol I.

LEWINSON, Rachel. **Três epidemias:** Lições do passado. Campinas: Unicamp, 2003.

PEREIRA, Sóstenes. **Contágio:** uma Visão Histórica e Biológica das Epidemias. S.l. Editora Claranto, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

REIS JUNIOR, Joaquim Silvério dos. **Do cholera morbus.** Tese apresentada a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 01/09/1864 e perante ela sustentada em 05/12/1864. Typographia de João Ignacio da Silva. Disponível em: http://books.google.com.au/books/about/Do_cholera_murbus.html?id=fZGaiKyi7cYC

SAMPAIO, Filgueira. **História do Ceará.** São Paulo: Editora do Brasil S/A, s.d. p. 69.

TEÓFILO, Rodolfo. **A Fome/Violação.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979.